**ENTRE CAMUFLAGENS:**

**UMA ANÁLISE SEMIÓTICA DE “FAKE NEWS” E MEMES**

Victor Martini Gabry[[1]](#footnote-1)

PALAVRAS-CHAVE: fake news, pós-verdade, credibilidade, memes, veridicção

RESUMO

Preocupando-se com as consequências de construções discursivas sobre pós-verdade e *fake news* da sociedade em rede, buscamos observar quais são os artifícios usados em discursos de desmistificação, ou, em outras palavras, como se articula discursivamente o desmentir. Para isso, damos prosseguimento a um experimento iniciado em 2018 (GABRY, 2019) que visava caracterizar as *fake news* sob a perspectiva da recepção, analisando semioticamente a rotulação de uma imagem como *fake news*. Observamos que há uma presunção de desonestidade por parte do enunciador do discurso desmistificador para com o discurso desmistificado, e que a quebra de credibilidade do discurso anterior se dá por meio da troca da camuflagem objetivante para a subjetivante (GREIMAS, 2014, p. 123).

INTRODUÇÃO

A pós-verdade, palavra do ano pelo Dicionário Oxford em 2016, têm sido lida como um desdobrar do pós-modernismo à medida em que “inaugura uma reflexão prática e política sobre o que devemos entender por verdade e sobre a autoridade que lhe é suposta” (DUNKER, 2018). O conceito foi tratado, tanto por D’ancona (2018) quanto por Keyes (2018) como uma reação à crise de credibilidade das instituições, remontando, em alguns casos, a crise econômica de 2008, e em outros o advento da noção de pós-modernismo (DUNKER, 2017). A própria pós-verdade é conceituada como “circunstância nas quais fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e a crença pessoal” (SANTAELLA, 2019, p. 48).

 No entanto, deve-se ter em mente que as *fake news* são entendidas e trabalhadas de modo diferente da pós-verdade – enquanto esta descreve uma conjuntura nas quais há o exacerbado apelo à emoção e à crença pessoal, aquela não encontra unanimidade sobre sua conceituação. Uma das primeiras definições conceituais de *fake news* é encontrada em Alcott e Gentzkow (2017), que as descrevem como “artigos noticiosos que são verificáveis e intencionalmente falsos, com potencial para enganar leitores”[[2]](#footnote-2). Tal definição é considerada insuficiente por Santaella (2019, p. 29-30), que nos coloca como:

De fato, se a expressão significar a criação de informação falsa movida pelo propósito de enganar, o conceito está longe de ser novo. (...) o que difere agora é o modo como as notícias são produzidas, disseminadas e interpretadas. (...) A partir da emergência da internet, da cultura digital e das redes sociais, surgiram novos modos de publicar, compartilhar e consumir informação e notícias que são pouco submetidos a regulações ou padrões editoriais. (SANTAELLA, 2019, p. 29-30).

 A incerteza em torno da conceituação do termo *fake news* costuma se destinar a um reducionismo: se uma informação é *fake*, tampouco pode ser *news.* Vemos, no entanto, que têm ocorrido múltiplas leituras do termo *fake news*, tanto dentro (JR, LIM, LING, 2018) quanto fora (WARDLE, 2017, apud ALENCAR, DOURADO, 2020) da academia. Entender de que maneira as *fake news* são definidas e os discursos articulados em torno deste termo, usado tanto por acadêmicos para se referirem a seus objetos de estudo quanto por presidentes para adjetivarem uma imprensa que expõe suas falhas (D’ANCONA, 2018), torna-se emergencial para se pensar a pós-verdade e as circulações de desinformação na rede.

 Buscamos construir, em pesquisa realizada em 2018, uma definição de *fake news* que tivesse como base a experiência advinda do contexto de uma sociedade midiatizada (SODRÉ, 2006) a partir do contexto nacional – uma perspectiva de si e para si das comunidades latino-americanas apoiado em postulados de Barbero (1997). O experimento, detalhado em Gabry e Félix (2019) encontrou pontos concomitantes entre as noções de *fake news* e memes: uma imagem tida por *fake news* trazida por um dos participantes.

 O entendimento das dinâmicas de circulação de desinformação na rede precisa perpassar os modos pelos quais se articulam os conceitos de *fake news* no contexto da conversação mediada por computador das redes sociais. Se as definições não visarem entender os produtos qualificados como *fake* pelos consumidores e replicadores desses conteúdos, não teremos uma visão esclarecida sobre o caráter e a forma de construção dos discursos desinformativos, e estaremos, enquanto comunidade científica, enviesados em nossas perspectivas de combate à desinformação, correndo o risco de estarmos cegos para aspectos determinantes para indivíduos.

O ambiente criado pelas criptografias e impulsionamentos por bots em chats privados como o WhatsApp é um lugar que beira o insondável. Nele, a pesquisa em desinformação encontra-se como um desenhista em uma sala, precisando desenhar o restante da casa, sem, porém, poder acessar os demais cômodos que compõem o ambiente. Apenas questionando os moradores desses ambientes contíguos, mas inacessíveis, é que poderemos ter um vislumbre do que ocorre do outro lado das paredes opacas e portas fechadas – o que torna o estudo sujeito a todos os vícios de uma pesquisa etnográfica, em que o etnógrafo está refém de se maravilhar com o simples e ignorar o destoante ao mergulhar no entendimento de uma sociedade que não a sua.

 A partir disso, o atual trabalho visa analisar a construção discursiva da caracterização de um conteúdo enquanto *fake news*. Para isso, iremos analisar o percurso gerativo de sentido segundo a Análise Semiótica do Discurso da linha greimasiana, por considerar que seus escritos sobre os contratos de veridicção (GREIMAS, 2014) fornecem arcabouço teórico indispensável para se pensar a construção de sentido de verdade em um texto, e como essa construção é fundamental para se entender como, na instância da leitura, se percebe um conteúdo enquanto *fake news*.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada para captar os conteúdos a serem analisados foi a de espaços assíncronos multietários. Sobre o método, foi caracterizado por Félix e Gabry (2019) como:

espaços virtuais criados artificialmente para fins de pesquisa, com ciência e voluntariedade de todos os participantes, onde, a partir das interações dos usuários, serão gerados dados na forma de imagens, textos, áudios, mas também horários de interação, assiduidade de participação, relações interpessoais e resposta a estímulos que atendam a um objetivo previamente estabelecido e comunicado aos participantes. (FÉLIX, GABRY, 2019, p. 5)

 Os espaços foram criados sob a seguinte proposta: que se enviasse para ele qualquer *fake news* que os participantes tivessem contato em rede, com uma justificativa do porquê aquilo era *fake news*. Construiu-se então um corpus de análise de objetos comunicativos já caracterizados, não pelo pesquisador, mas pelos usuários, como objetos falsos. O presente trabalho se debruça em entender um dos produtos trazidos à tona, uma imagem que associava a valorização de dois indivíduos da história brasileira pelo Movimento Negro do Brasil: Luiz Gama e Zumbi dos Palmares.

 O grupo em questão era composto por oito membros mais o moderador, entre 35-44 anos, com formação variada – alguns possuíam ensino médio incompleto, outros superior completo e havia alunos de pós-graduação de ciências da computação e comunicação. Os membros eram ainda: quatro do estado do Rio de Janeiro, três de São Paulo e um de Tocantins. Apenas um deles não realizava checagens de informações recebidas antes de repassá-las. Destacamos que dois participantes (um de São Paulo e um do Rio de Janeiro) deixaram o grupo antes do término do prazo estipulado (20 dias).

 Será utilizada a Análise Semiótica do Discurso para entender o percurso gerativo de sentido da mensagem, e, após feita, sua inserção no contexto da conversação – isto é, a leitura de tal percurso gerativo de sentido enquanto um percurso que poderia ser caracterizado como *fake news*. Assim, pode-se dizer que, em última instância, o discurso analisado não é o evocado pela imagem, mas um discurso que contém a imagem como um exemplo de informação falsa na rede.

 A seguir, o objeto do discurso analisado:

Texto 1: Justificativa de classificação de fake news

Esse tipo de coisa eu considero mais relacionado com fake news, por que se propõe a mostrar fatos comparativos e não uma simples opinião de alguém como é o caso do meme

Retirada de espaços assíncronos - recorte do autor

Figura 1: Imagem enviada por participante

Retirada de espaços assíncronos - recorte do autor

ANÁLISE

 A Análise Semiótica do Discurso de linha francesa analisa como o percurso gerativo de sentido é traçado ao observar a evolução das relações desde as mais simples às mais complexas no interior de um dado texto. Fiorin (2017, p. 975) explica que esta funciona não com um caráter ontológico, mas como um percurso metodológico, perpassando os seguintes níveis de profundidade: o fundamental, o narrativo e o discursivo, em diferentes planos de expressão. Precisaremos com isso situar de que modo cada um desses níveis está articulado no objeto de análise.

 Consideremos, uma vez que foi expressa pelo enunciador (e aqui já nos debruçamos sobre as denominações propostas por Greimas em sua obra), a imagem como nível fundamental de análise do discurso do enunciador (no caso, o enunciador projetado no texto pelo participante da pesquisa). Esta, porém, é em si todo um novo texto, e que, para tanto, precisa passar pelo mesmo processo de análise gerador de sentido para que seja enquadrado de maneira correta no discurso que a abarca – chamaremos o discurso analisado de D1 e o discurso da imagem de D2. Essa imagem-texto é lida, dessa forma, como um texto no qual há um enunciador, um narrador e um interlocutor, suas respectivas contrapartes (enunciatário, narratário e interlocutário), e seus níveis de profundidade (fundamental, narrativo e discursivo).

 Primeiro é necessário traçar que a imagem possui per se um plano de expressão e um plano de conteúdo. De modo a tornar mais didática a análise empreendida sobre o discurso, gostaríamos de começar a análise pelo plano de conteúdo, para então partir ao plano de expressão. Para a análise do segundo, será necessário pensar a análise plástica do discurso, dando cabo dos elementos que conjugados aos do plano de conteúdo constroem o sentido percebido.

 A leitura do plano de conteúdo apreende, em um sentido de leitura que parta de cima para baixo, da esquerda para a direita, duas imagens de figuras da história brasileira: Zumbi dos Palmares, a esquerda, e Luiz Gama, a direita. Abaixo de ambos há uma lista de enunciados que se propõem a uma relação de contrariedade entre si e de caracterização das imagens acima de ambos. Assim, a característica de Zumbi dos Palmares “tinha escravos” é antagônica (ou disfórica) ao “advogado”, “executava os negros que fugiam de seu quilombo” contraria “conquistou sua liberdade sem derramamento de sangue”, “não conquistou a liberdade de ninguém” opõe-se a “libertou mais de 500 escravos”. Destaca-se que ainda há uma relação de conjunção entre “foi um dos poucos intelectuais negros no Brasil escravocrata” e Luiz Gama.

 As isotopias são as reiterações, repetições, redundâncias que dão coerência semântica às leituras possíveis de um texto (FIORIN, 2018). Elas são temáticas gerais com as quais os objetos do discurso podem traçar relações conjuntivas ou disjuntivas. Analisando a repetição de certas expressões, pode-se perceber uma isotopia da liberdade que permeia as características atribuídas a cada um. As descrições ressaltam a luta de um em favor da liberdade enquanto denunciam a prática de cerceamento da liberdade no outro. Assim, constrói-se um efeito de sentido em que Zumbi é disjuntivo com a liberdade, enquanto Luiz Gama está conjuntivo com ela. As palavras “escravos”, “fugiam”, “conquistar”, “libertou” e “liberdade” compõem essa isotopia, e se relacionam com outra isotopia: a da produtividade.

 A isotopia da produtividade age no texto como um meio a partir do qual consegue-se alcançar a isotopia da liberdade de maneira a respeitar um outro valor positivado no texto: a vida. Podemos analisar as relações entre tais isotopias revisando os usos das variantes do termo “conquistar” presente no texto. O verbo “conquistou” em “conquistou sua liberdade” indica um exercício ativo por parte do sujeito da oração. O mesmo termo negativado para Zumbi, em “não conquistou a liberdade de ninguém”, que se opõe à “libertou mais de 500 escravos”, aponta o oposto de sua aplicação para Gama – Zumbi, dessa forma, não “conquistou” nada. A conquista, quando caracteriza Gama, associa-se positivamente a falta de derramamento de sangue, enquanto quando caracteriza Zumbi, o verbo vem antecedido pelo “não” – neste caso, demonstrando sua falta de capacidade em promover a isotopia da liberdade. A figura de linguagem do derramamento de sangue, uma hipérbole, também dialoga com a produtividade, ao contrapô-la ao desperdício – no caso, o derramamento. A produtividade, não apenas é um meio pelo qual se alcança a liberdade, mas pelo qual se valoriza a vida.

 Tal isotopia também aparece quando observado o objeto “advogado”, lido como contrário à “tinha escravos”, suscitando a leitura de ambos dentro de um mesmo universo semântico de trabalho e meios de sustento, em que um está atribuído com a capacidade de conseguir esse sustento por si mesmo (um ofício no qual o indivíduo é “seu próprio chefe) e ao outro está implicado que os frutos colhidos são do trabalho dos outros. O trabalho também possui níveis de hierarquização implícitos nos enunciados, com a produção intelectual considerada superior a produção física – evoca-se que o advogado está conjuntivo com a produção intelectual, enquanto os escravos terceirizam a produtividade, que ainda por cima, é braçal, por meio do trabalho e da lavoura. Isso perdura no elogio a produtividade de Gama quando este recebe a caracterização de “intelectual”, enquanto não há antagonismos a isso na descrição de Zumbi – aqui o que se opõe a posição de intelectual de Gama é a nulidade de adjetivações em Zumbi, o que em si já o priva de uma conjunção com os valores de produtividade pelo intelecto, considerado valor positivo na construção narrativa.

 Cria-se um elo nas isotopias quando se opõe o “não conquistou a liberdade de ninguém” de Zumbi ao “libertou mais de 500 escravos” de Gama. Gama, assim, pela conjunção com a isotopia da produtividade, consegue alcançar a liberdade, enquanto a ausência de produtividade de Zumbi o afasta dessa mesma isotopia. Nesse sentido, Zumbi é caracterizado como disjuntivo à isotopia da liberdade e a da produtividade. A apresentação das características dos sujeitos pode ser lida como uma manipulação pela tentação: ambas as figuras são instadas a serem lembradas pelo Movimento Negro.

 Tais manipulações, no entanto, só se tornam claras quando há a leitura do último quadrante da imagem, em que fica evidente não apenas para que os sujeitos estavam sendo manipulados, mas quem daria a eles a sanção: o Movimento Negro. Neste momento há o sincretismo da competência, transformação e sanção. A competência é o poder exercer transformação, que é a conjunção ou disjunção do sujeito com o seu objeto de valor – este é a adoração do Movimento Negro. Assim, se tratado como sujeito, o Movimento Negro é atribuído da competência de conjugar o sujeito que preferir com a adoração, e no processo, o próprio Movimento transforma a si mesmo, entrando em conjunção com os valores com os quais os outros estão associados.

Por sua vez, tanto Gama quanto Zumbi, sujeitos de suas próprias narrativas, são manipulados a conjugarem-se com o Movimento através da tentação de serem adorados. Eles então são atribuídos de competência pelo narrador para alcançar essa adoração, quando ocorre a transformação – aqui, estar conjuntivo com a produtividade para alcançar a liberdade e a vida os leva a uma sanção negativa, e estar disjuntivo com essas mesmas isotopias os leva a uma sanção positiva. A narrativa construída pelo enunciador, dessa forma, leva o enunciatário a um sentido de leitura que demonstra que o sujeito Movimento Negro não quer sancionar como digno de lembrança os valores de Produtividade, Liberdade e Vida. Também os associa ao do trabalho braçal, considerado inferior ao da produtividade intelectual.

 Podemos, então, nos dedicar aos planos de expressão, que conjugam a essa narrativa elementos outros. Dividimos a imagem em segmentos que incluem os seguintes conjuntos: “perfis dos sujeitos” (um conjunto das fotos e as descrições de cada um, gerando o “perfil do sujeito Gama” e o “perfil do sujeito Zumbi”) e “atribuições do Movimento Negro” (apenas o canto inferior da imagem, o momento da narrativa que conjuga sanção, competência e transformação, sendo a “atribuição para Gama” e a “atribuição para Zumbi”). Assim, traçam-se quatro quadrantes que permitem uma analogia com o quadrado semiótico pela própria disposição dos elementos da imagem. Sobre este observamos que Mendes (2011, p. 187) explica o nível fundamental de análise da seguinte forma:

No nível fundamental, mais especificamente na semântica fundamental, a significação se apresenta por uma oposição, por meio de estruturas fundamentais que se opõem. (...) Tais termos são negados e afirmados por meio de operações de sintaxe elementar e podem ser representados por meio de um modelo lógico de relações, chamado quadrado semiótico. A sintaxe fundamental se ocupa de tais relações, que podem ser de contrariedade, contraditoriedade e implicação. (MENDES, 2011, p. 187).

 Assim, a própria disposição dos elementos no plano de expressão, relembrando o quadrado semiótico, constrói um sentido rico em atribuições. Se chamarmos a sessão do “perfil do sujeito de Zumbi” de *a,* o “perfil de sujeito de Gama” opõe-se a este enquanto *b*, implicando que o quadrante “esquecimento pelo Movimento Negro” seja assim chamado de *não-b*, e seu vizinho, “adorado pelo Movimento Negro”, de *não-a.* Assumindo, como coloca Mendes (ibid), uma relação de contrariedade entre Zumbi e Gama, contraditoriedade entre Gama e o esquecimento, e implicação na adoração do Movimento Negro e Gama. Há um processo oposto com Zumbi (também contrariedade com Gama, mas contraditoriedade entre Zumbi e a adoração, e implicação no esquecimento do Movimento Negro). A imagem, dessa forma, constrói um sentido que implica que, caso o Movimento Negro queira estar em conjunção com as isotopias da liberdade através da conjunção com a isotopia da produtividade, deve adorar Luiz Gama e esquecer Zumbi dos Palmares – ou, ao menos, adotar para este uma não-adoração e lembrar daquele, enquanto fenômeno implicado no não-esquecimento.

 Aqui é importante destacar as primeiras considerações de Greimas (2014) sobre os contratos de veridicção no discurso. De acordo com o autor, os contratos de veridicção não decorrem de uma inerente verdade no que é dito, mas na eficácia em produzir o sentido de verdade em um texto, e na adesão, por parte do leitor (e não enunciatário), dessa construção discursiva. O autor é preciso ao descrever a camuflagem objetivante como construção da veridicção de um texto enquanto “o puro enunciado das relações necessárias entre as coisas, e para isso apaga, tanto quanto possível, todas as marcas da enunciação” (GREIMAS, 2014, p. 123). Lemos tal camuflagem objetivante como uma debreagem enunciva na instância de construção de veridicção do discurso, uma vez que, como disse Fiorin (2017, p. 980), em tal debreagem é como se os fatos narrassem a si mesmos, “eximindo” um narrador de contá-los.

 Desse modo, é razoável observar como a camuflagem objetivante prevalece no discurso invocado pela imagem. Porém, lembramos o contexto em que a imagem está sendo lida: o enunciador do texto a apresenta antes de inseri-la em um discurso – aqui, a imagem enquanto objeto em um nível fundamental está em disjunção com a verdade, isotopia principal do discurso D1 analisado. O ato de responder a nossa pergunta “porquê isso é *fake news*” implica que a construção discursiva que se seguirá apresentará um percurso gerativo de sentido em que um produto deverá entrar em conjunção com o valor *fake news* – e consequentemente uma disjunção com o valor verdade.

De modo a apreender como a dinâmica singular construída permite vislumbrar dinâmicas discursivas de veridicção e como é construído o discurso em torno da noção de *fake news*, vemos que há outro modo de se obter, na construção discursiva, o sentido de verdade, de modo, caracterizado por Greimas (2014, p. 123) como oposto, embora visando os mesmos objetivos: a camuflagem subjetivante.

 Sobre ela, o autor dispõe:

O primeiro tipo de manipulação, da ordem do que se pode chamar camuflagem subjetivante, é bem ilustrado pelo discurso lacaniano que, como confessa o próprio autor, deve ser construído de maneira tal que, para ser aceito como “verdadeiro”, deve parecer “segredo”. O discurso que existe apenas para sugerir um plano anagógico a ser decifrado, avatar moderno do “discurso em parábolas” de Jesus, é uma das formas da comunicação veridictória assumida (GREIMAS, 2014, p. 123).

 Já em outro escrito, o autor mostra que o segredo é assumido quando há um “ser” que “não parece”, contrapondo-se a um “não ser” que “parece” (mentira), e se relaciona com um “ser” que “parece” (verdade) e um “não ser” que “não parece” (falsidade). Desse modo, a verdade se opõe à falsidade, e o segredo, a mentira (Figura 2). Assim, analisemos como a construção do discurso D1 articula a noção de segredo com a de mentira, como legítimos opostos, ao desvelar o “parecer” que “não é” da imagem. Retomemos, então, os ditos no enunciado de D1: “Esse tipo de coisa eu considero mais relacionado com fake news, por que se propõe a mostrar fatos comparativos e não uma simples opinião de alguém como é o caso do meme”.

Figura 2: quadrado de veridicção



BALDAN, 1988, p. 51, GREIMAS, 2014, p. 66

 Observamos desde já a narrativa que cria o sentido da imagem enquanto *fake news*. As *fake news,* nesse sentido, se analisadas dentro de um quadrado semiótico, podem ser lidas como diretamente opostas às *true news*, implicando, em seu discurso, que o fator *news*, ou notícia, como abordaremos daqui para frente, se constrói no discurso como não sendo inerentemente *fake* nem *true*, nem mentirosa, nem verdadeira, não se atrelando a verdade enquanto um definidor, buscando, logo, em outro aspecto sua definição. Existem ainda dois elementos do quadrado, a *não-fake news* e a *não-true news*. Será necessário pensar o universo semântico do valor “notícia” atribuído ao termo *fake news*.

 Precisamos aqui fazer um adendo para a diferença entre o gênero notícia e o valor notícia – falando de valores em termos da oração greimasiana, e não dos valores-notícia estudados no jornalismo. Estes são definidos por Guerra (2014, p. 43) como os ideais de uma notícia, as projeções sobre o ideal que esperam os interlocutores do jornalista que redige a matéria, enquanto aqueles são “valores” greimasianos, acepções atribuídas a actantes do discurso (GREIMAS, 2014, p 35). Notícia, dessa forma, é um valor, porém cujo universo semântico que o constitui está relacionado ao universo do gênero notícia.

 Sobre este universo, nos debruçaremos sobre um aspecto essencial: a credibilidade jornalística. Tuchman (1993) define a credibilidade jornalística como um ritual estratégico, a partir do qual as estratégias de construção das notícias, a linguagem utilizada e a postura dos jornalistas buscam reforçar a si mesmos enquanto portadores dessa credibilidade. Consideraremos tal estratégia como se valendo de estratégias discursivas que reforcem a veridicção do texto – seja a camuflagem subjetivante ou objetivante, em especial esta última, por se relacionar as mesmas estratégias de ocultação do “eu” enunciador presente na escrita científica e elogiada nos manuais de jornalismo.

 Ainda sobre a credibilidade constatamos que é percebida no jornalismo como tanto um atributo de quem produz a notícia quanto de quem a lê (LISBOA, BENETTI, 2017, p. 54). Assim, ela é dividida em credibilidade percebida e credibilidade constituída, a última tendo como um de seus fatores as estratégias discursivas do contrato de veridicção. No entanto, no campo de estudos que procuram entender o fenômeno da pós-verdade a queda na credibilidade da imprensa enquanto instituição é frequente (D’ANCONA, 2018, SANTOS, 2019, KEYES, 2018). Sendo essa uma credibilidade institucional, constitui parte da credibilidade constituída da notícia.

 Assim, têm-se que a noção de credibilidade, um dos fatores que compõem o gênero notícia, está intrínseco ao valor semântico “notícia” atribuído ao termo *fake news*. É esta quebra da credibilidade constituída das instituições jornalísticas que permite à palavra “notícia” (*news*) ter seu sentido atribuído ao de uma credibilidade dúbia, uma que hoje disputa com a falta de credibilidade, a desconfiança. O valor “notícia” contém, em si, tanto a credibilidade quanto a desconfiança, o que nos leva a pensar quais são as atribuições únicas desse valor.

 Retornando a figura 2, vemos que a Verdade é constituída quando há uma conjugação do “parecer” com o “ser”. Sozinhos, nenhum dos dois é a verdade. Ao mesmo tempo, temos a mentira como um “parecer” que “não é”. Se “notícia” pode ser *fake news*, contraria a *true news*, a primeira comportando o valor “mentira” e a segunda o valor “verdade”, temos que o inerente a “notícia” é um “parecer”. Sobre esse parecer, acreditamos que coaduna com os escritos por Tuchman (1993) quando fala de uma credibilidade como ritual estratégico e com Lisboa e Benetti (2017) quando pensam uma credibilidade constituída. O “parecer” é o que faz uma “notícia”, sendo outros artifícios necessários para enquadrá-la enquanto “verdade” ou “mentira”.

 Essa digressão estabelece os alicerces a partir dos quais podemos analisar, munidos dos universos semânticos de “notícia” e “credibilidade”, o D1 no qual está contida a imagem. No nível narrativo do discurso, há uma manipulação (pedido) para que o narrador-sujeito ateste que o objeto (imagem) está em conjunção com a noção de *fake news*, sendo, portanto, um “parecer” que “não-é”. Para isso, o narrador constrói uma narrativa em que o objeto aparece em disjunção com a verdade por não conseguir concretizar o plano do “ser” – no trecho “se propõe a mostrar fatos comparativos e não uma simples opinião de alguém”.

 Na narração de D1, há uma releitura em que se alteram os sujeitos da narrativa de D2. Lendo apenas a imagem, a narrativa construída é a de dois indivíduos históricos em busca da sanção (memória) do Movimento Negro atual, e as competências atribuídas a ambos para consegui-lo ou não. No entanto, na narrativa proposta em D1, o sujeito da oração é o narrador de D2, que tenta, pela manipulação de dois sujeitos (Luiz Gama e Zumbi), construir uma narrativa que se propõe veridictória para seu narratário. O sujeito-narrador assim busca convencer seu narratário de uma verdade construída. Embora todo dizer seja um fazer persuasivo, estamos atrás dos sentidos de construção veridictórios.

 Essa narrativa, no entanto, tem sucesso no “parecer”, mas não no “ser”, pois os “fatos comparativos” são tidos pelo narrador de D1 como o fator que arrastou essa narrativa para o campo de uma *fake news*. O “por que” condiciona o uso de fatos comparativos pelo narrador de D1 a uma verificação para que eles fossem retificados como “pareceres” que “sejam” o que parecem ser. É nessa condição, nessa necessidade de verificação implicada pelos comparativos, que aparece a dicotomia entre fato e opinião propostas pelo narrador de D1.

 Aqui é importante destacar que há um outro sujeito na narrativa que está em disjunção com a mentira: o meme. O meme não precisa buscar a sanção de ser ou não verdade pois ele não assume nenhum compromisso em se associar ao valor “ser” – jamais sendo, portanto, uma mentira, que se propõe a “parecer” um “ser”. Na dicotomia entre opinião (*a*) e fato (*b*), e a não-opinião (não-a) e o não-fato (não-b) há dois percursos gerativos de sentido, simbolizados nas narrativas propostas para a *fake news* (a imagem) e a opinião (o meme). Tratadas como sujeitos, ambas se articulam em torno de conjunções e disjunções com o valor “notícia”, considerado análogo à credibilidade/desconfiança na narrativa da *fake news*.

Se toda mentira é um “parecer” que “não é”, então este sujeito recobre-se de valores que causam essa aparência – estes são as camuflagens objetivantes, que vimos ao descrever os processos de enunciação de D2. Os “fatos” aqui são considerados – tanto na abordagem teórica quanto no enunciado de D1 – como uma forma de estabelecer veridicção do discurso, e a partir da qual, na inserção em um universo maior de textos no qual o enunciador está inserido, é necessário a verificação. Essa verificação, que ocorre fora do texto, é o que serve como competência para o narrador promover a sanção dessa narrativa: a conjunção da imagem com o valor *fake news* e a disjunção do meme com a dicotomia verdade x falsidade.

O texto constrói um sentido em que os “fatos” não mais estão associados com “verdade”. Fatos se opõem em seu discurso a opiniões, mas nenhum dos dois estão em disjunção com a isotopia de verdade, enquanto *fake news* sim. O que garante a disjunção com a isotopia da verdade é a verificação dos tais fatos, que permeia o texto como uma práxis inerente à atribuição de algo enquanto *fake news*. Assim, o fenômeno de apresentação do fato, uma estratégia enunciativa de veridicção que constatamos como uma camuflagem objetivante precisa estar alinhado com outras construções discursivas do universo ao qual o enunciador pertence – e aqui os conceitos de credibilidade atribuída são imprescindíveis para se pensar quais serão os textos selecionados neste universo para sancionar a camuflagem objetivante do narrador de D2.

Por fim, não podemos esquecer que o enunciado “isto é uma *fake news*”, a síntese da resposta de D1, é, por si mesmo, um discurso veridictório. O enunciado se propõe a ser verídico, e para isso precisa buscar uma estratégia que não apenas construa o sentido de verdade, como acabe com o sentido de verdade do enunciado que apresenta, uma vez que precisa estabelecer a credibilidade sobre o seu enunciado, contrário ao que desmente. A estratégia identificada em D1 é a da camuflagem subjetivante.

A camuflagem subjetivante é caracterizada pela evidenciação do sujeito da enunciação, é uma situação em que o sujeito está explícito, porém é “falso” (na medida em que o sujeito da enunciação é uma instância não acessível na materialidade do texto), e de um saber oculto, mas “verdadeiro”; Greimas ainda o caracteriza como similar ao discurso lacaniano, que para ser aceito como “verdadeiro” deve parecer “secreto”, traçando um paralelo com as parábolas de Jesus (GREIMAS, 2014, p. 123). Se opõe no processo ao da camuflagem objetivante, em que o saber é explicitado como verdadeiro e o sujeito oculto como falso.

Dessa forma, em uma análise geral do processo de desmentir um discurso em rede, podemos sintetizar o processo discursivo como o da transição de uma camuflagem objetivante (artifício usado em D2) para uma camuflagem subjetivante (usada em D1), processo a partir do qual há quebra de credibilidade constituída de D2. Embora presente em uma análise pontual, acreditamos ter indícios de que o oposto também ocorre, nos fazendo pensar menos em um caminho da camuflagem objetiva para a subjetiva como quebra da credibilidade de qualquer D2 anterior a um D1 que desmente, mas em um caminho que pule de uma camuflagem para outra em qualquer D1 que desmente um D2 anterior a ela.

 Refletindo sobre os exemplos propostos em livros como os de Fiorin (2018) e Greimas (2014), vemos que a camuflagem objetivante é marcante do discurso jornalístico e científico. Obviamente apenas a análise minuciosa de um texto pode desvelar a estratégia veridictória utilizada, porém consideramos razoável assumir que essa seja a estratégia majoritária para a redação de textos dentro dos gêneros jornalísticos e científicos. Há, aqui, espaço para uma observação sobre a natureza de ambos os gêneros: tanto o jornalismo como o discurso científico se propõem a serem portadores de uma certeza análoga a verdade, verdade essa percebido como um “ser” que “parece”. Assim, o “parecer” é o formato da camuflagem objetivante presente nesses gêneros, e o “ser” é a natureza do proposto.

Em ambos os gêneros há exemplos de textos que criticam “mentiras” ou “falsas verdades” (respectivamente presentes no jornalismo e nas ciências). Assim, as mentiras de políticos são objeto de checagem de veículos jornalísticos, assim como a apuração inerente a dinâmica da prática jornalística. Enquanto isso, as falsas verdades são desveladas em exames científicos minuciosos. A abordagem em termos gerais de gêneros tão distintos, com seus valores sustentados (e mais recentemente criticados) pela sociedade, demanda um esforço analítico ao qual não nos cabe neste artigo, e reconhecemos sua complexidade e as considerações necessárias. Porém, achamos razoável considerar que os espaços de jornais e periódicos científicos exercitem em suas reportagens e artigos o exercício discursivo de “desmentir”, e assumindo que promovem a camuflagem objetivante como estratégia de veridicção do discurso, constituem-se como exemplos de quebra de credibilidade pela mudança da camuflagem.

Tal abordagem, no entanto, precisa de futuras investigações. Seria necessário, por exemplo, uma análise semiótica de checagens jornalísticas que abordassem *fake news* constituídas por camuflagens subjetivantes enquanto discurso veridictório. Ao mesmo tempo, observar de que maneiras o texto científico se propõe a desmentir uma afirmativa permitiria vislumbrar se é essa transição de camuflagens que garante a quebra de credibilidade do discurso desmentido. Pretende-se abordar ambos os caminhos em pesquisas futuras, mas dada a abrangência do campo e o potencial da constatação, acreditamos que não haverá o equivalente a poucas mentes para pensar no problema.

CONCLUSÃO

 O presente trabalho objetivava entender os discursos articulados por um consumidor de informação para definir um objeto enquanto *fake news*. Para isso foi criada uma situação artificial por meio de espaços assíncronos em que os participantes foram instados a enviar uma *fake news* e dizer porque assim a definiam. O material então foi analisado sob a análise semiótica do discurso, levando em consideração sobretudo os postulados de Greimas (2014) sobre contratos de veridicção, conceitos de credibilidade jornalística por Tuchman (1993) e Lisboa e Benetti (2017) e a inserção do discurso em um contexto da pós-verdade (D’ANCONA, 2018, DUNKER, 2017, KEYES, 2018).

 O objeto de análise foi um discurso em que a Figura 1 era considerada *fake news* pelo narrador do D1, discurso que comportava o discurso da imagem (chamado de D2) e sua justificativa para assim caracterizá-la. Nela, foram observados discursos que reforçavam preconceitos contra o Movimento Negro brasileiro por meio de uma disjunção deste com valores como “produtividade” e “liberdade” personificados nos sujeitos Zumbi e Luiz Gama. Tais discursos foram caracterizados pelo narrador de D1 como *fake news* por se valerem do artifício de “fatos”.

 Observamos que esse artifício implica na necessidade de checagem – quando há uma construção narrativa que se vale da camuflagem objetivante para construir sua veridicção, torna-se a mesma passível de ser checada, algo implicado na formulação de D1, que caracteriza tais “fatos” como um “parecer” que “não é”, e, portanto, uma mentira. Porém, o que instiga o enunciador de D1 a realizar a checagem e não tomar esses “fatos” como um “parecer” que “é”? Aqui apresentamos a principal contribuição da análise, ao pressupor um espaço teórico em todo exercício de desmistificação: a pressuposição de desonestidade.

 É necessário para todo aquele que se disponha a desmistificar um enunciado que haja uma predisposição à desconfiança de qualquer construção “factual”. Tal predisposição, no objeto analisado, não cabe ser respondida pela análise semiótica do discurso caso levemos em conta as predisposições do participante da pesquisa para com o indivíduo que enviou a mensagem, mas cabe à análise pensar nas predisposições do enunciador para com a narrativa proposta por D2. Assim, haverá uma predisposição à desconfiança quando as narrativas apresentarem construções gerativas de sentido para com as quais o narrador de D1 não seja simpático.

 Desse modo, a notícia, que entendemos como um “parecer” no quadrado semiótico da veridicção, terá em si algum elemento da construção narrativa tido por incorreto para um enunciador que busque desmenti-la – esse desmentir, no entanto, só terá sucesso se o “ser” da notícia não compactuar com o universo de verificação, o universo ao qual o enunciador atribui credibilidade, assim o disser. Tal raciocínio nos permite olhar para a desinformação desmentida como uma postura de reconhecimento do enunciado da mentira por parte do enunciador que a desmente e de uma postura ativa contrária à mesma.

 Assim, o atributo de uma *fake news* demanda que esta: 1) pareça uma notícia, conjugando o eixo da mentira do quadro semiótico de veridicção greimasiano, 2) gere incomodo no enunciador, 3) seja contradito pelo universo de referência desse mesmo enunciador. É interessante observar que o terceiro aspecto do discurso de uma *fake news* só é passível caso haja a existência do primeiro, o que remete a uma materialidade do desgaste da credibilidade da instituição jornalismo e seu produto mais direto: a notícia. A notícia, em discursos que articulem a noção de *fake news* e a definam mediante um “parecer” (e a consequente detenção de aspectos verificáveis, chamados no discurso analisado de “fatos”), não está mais vinculada a verdade, mas a um simples recurso estilístico associado a camuflagem objetivante.

 Por fim, tomando como espaço de análise as dinâmicas de desmistificação, analisamos um objeto que se valia da camuflagem objetivante para gerar credibilidade, tendo sido desmentido por meio de uma estratégia de construção de credibilidade por meio da camuflagem subjetivante. Assim, um discurso anterior, ao ser desmentido, demandou um recurso veridictório oposto. Apresentamos nossas considerações sobre espaços que apresentam indícios de discursos de desmistificação com a articulação contrária de conceitos – uma camuflagem objetivante articulada pelo enunciador para desvelar a mentira de um enunciado que se valha de uma camuflagem subjetivante – nos gêneros jornalísticos e científicos. No entanto, reconhecemos que são considerações iniciais e que demandariam mais esforços para revelarem-se válidas e com certo grau de generalização, e apontamos que a análise semiótica do discurso em textos jornalísticos (checagens) e científicos (refutações) poderiam esclarecer alguns aspectos da ideia.

BIBLIOGRAFIA

ALCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. **Social Media and Fake News in the 2016 election**. The Journal of Economic Perspectives, v. 31, n. 2, p. 211-235, primavera de 2017. Disponível em: < http://www.jstor.org/stable/44235006>. Acesso em: 27 maio. 2020.

ALENCAR, Marta Thaís, DOURADO, Jacqueline Lima. **Fact-checking**: Checagens da Folha e do Estadão na construção da credibilidade jornalística na internet. Revista Eptic, São Cristóvão, v. 22, n. 2, p. 23-37, mai-ago 2020.

BALDAN, Maria de Lourdes Ortiz Gandin. **Veridicção**: um problema de verdade. Alfa, São Paulo, v. 32, p. 47-52, 1988.

BARBERO, Jesús Martin. **Dos Meios às Mediações**: Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

D’ANCONA, Matthew. **Pós-verdade**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In DUNKER, Christian, et al. **Ética e pós-verdade**. Porto Alegre: Dublinense, 2017.

FÉLIX, Carla Baiense, GABRY, Victor Martini. **Espaços Assíncronos**: uma proposta de metodologia de pesquisa integrada à ferramenta Whatsapp. In: XII Simpósio Nacional da ABCiber, 2019, Porto Alegre. Devires da Cibercultura: anais do XII Simpósio Nacional da ABCiber. Porto Alegre: Instituto de Filosofia e Ciências Sociais – UFRGS, v. 1, p. 1-15, 2019.

FIORIN, José Luiz. **Uma teoria da enunciação**: Benveniste e Greimas. In: Gragoatá, Niterói, v.22, n. 44, p. 970-985, set.-dez. 2017.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2018.

GABRY, Victor Martini. **O que são Fake News**: um estudo das definições do termo dentro de espaços assíncronos multietários. In: Anais do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Fluxos comunicacionais e crise da democracia. São Paulo: Intercom, 2019.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o sentido II**: ensaios semióticos. São Paulo: Nankin: Edusp, 2014.

GUERRA, Josenildo Luiz. Uma discussão sobre o conceito de valor-notícia. In: SILVA, Gislene, SILVA, Marcos Paulo da, FERNANDES, Mario Luiz (Org.). **Critérios de Noticiabilidade**: problemas conceituais e aplicações. Insular: Florianópolis, 2014, p. 39-49.

JR, Edson C. Tandoc; LIM, Zheng Wei; LING, Richard. **Defining “Fake News”.** Digital Journalism, v. 6, n. 2, p. 137-153, 2018. Disponível em: < https://doi.org/10.1080/21670811.2017.1360143>. Acesso em: 20 maio. 2020.

KEYES, Ralph. **A era da pós-verdade**: desonestidade e enganação na vida contemporânea. Petrópolis: Vozes, 2018.

MENDES, Conrado Moreira. **Da linguística estrutural à semiótica discursiva**: um percurso teórico-epistemológico. In: Raído, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 173-193, jan./jun. 2011.

SANTAELLA, Lucia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

SANTOS, Kassia Nobre dos. **Em busca da credibilidade perdida?** A rede de investigação jornalística na era das Fake News. Belo Horizonte: Letramento, 2019.

SODRÉ, Muniz. Eticidade, campo comunicacional e midiatização. In: MORAES, Denis de. **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo**: questões, teorias e ‘estórias’. Lisboa, Vega: p. 74-90, 1993.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward na interdisciplinary framework for research and policy making. Disponível em: https://rm.coe.int/information-disorder-toward-an-interdisciplinary-framework-for-researc/168076277c. Acessado em 23 de junho 2020.

1. Graduando de Jornalismo na Universidade Federal Fluminense (UFF). Bolsista no grupo de pesquisa Mídias, Redes e Jovens. E-mail: victormartinigabry@gmail.com [↑](#footnote-ref-1)
2. Tradução própria. [↑](#footnote-ref-2)